

IN MEMORIAN

CHEIKH ANTA DIOP

'Vous informe avec profonde tristesse décès cheikh Anta Diop survenu le 7 février à Dakar. Directeur Générale UNESCO a présenté condoléances famille et Gouvernement senegalais'. GIÉLÉ, UNESCO

O sábio, o físico, o historiador, faleceu há poucos dias. O amigo de sempre, o Homem, continua vivo. Em Paris, da redação de *Présence Africaine*, ainda instalada na rue Descartes, ao café no 'angle' Saint Michel com Luxemburgo, na passagem por 1 bis Cité Rougemont, sede da extinta e sempre viva FEANF, à caminhada até o hotel ou à Maison des Etudiants du Maroc, em companhia de Mário de Andrade, desde o idos de 1954 te recordo, ó meu bom e querido amigo.

Dakar: nossas infindáveis entrevistas no Laboratoire du Radio Charbonne 14/IFAN, de que foste fundador; o carinho com que indagavas dos meus, amor e angústia sobre os sonhos comuns; nosso trabalho e convivência na UNESCO, no seio do Bureau e no Comité Scientifique International pour la redaction d'une Histoire Générale de l'Afrique, em Paris, Ibadan, Cotonou, Nairobi e em tantos outros lugares.

A raiz africana na civilização egípcia, as análises sobre os modos de produção africanos. Quantos Temas... Vou reler *L'Unité Culturelle de l'Afrique Noire; Systèmes Politiques et Sociaux de l'Europe et de l'Afrique Nation Nègres et Cultures; Civilisation ou Barbarie* e inúmeros textos publicados em "Présence Africaine", na *História Geral da África* como em muitos outros espalhados por um sem número de revistas.

Meu respeito à família e a Theophile Obenga, amigo comum e continuador da tua obra.

Fernando Augusto Albuquerque Mourão

ANTONIO AURÉLIO GONÇALVES

Está de luto a literatura caboverdiana...
Está de luto a literatura de expressão portuguesa...
Morreu o escritor António Aurélio Gonçalves...
E nós, humilde mortal, amigo e seu admirador, nesta
hora de sentida tristeza, algo de nós próprio
vai em sua companhia...

Diz o vulgo e bem, fundamentando-se na sua lógica e sapiência empírica, que a morte vem, não só, nem sempre avisa, como outrossim, não perdoa. Cumpre implacavelmente a sua missão, sem dó, nem piedade. É assim a morte. Surge, leva-nos sem pena, não deixando recado nem mandado...

E eis porque, apesar do seu carácter de inevitabilidade conferida pela sua fundamentação biológica, jamais nos habituamos à idéia da sua existência efectiva, sobretudo quando ela se anuncia, de forma inopinada, atingindo ainda por cima alguém a quem nos liga um estreito e íntimo núcleo de amizade e comunhão de um conjunto de razões e afinidades infindáveis. De feito, quando morre um amigo, não há dúvida nenhuma que algo de nós vai em sua companhia. Sempre. Sim, a morte espalha o pavor da surpresa e do absurdo, não por não ser deste mundo, mas porque a vida sempre se confunde com o sentido de alguma perenidade no espírito de todos nós. É o grito íntimo e angustiante, da emoção, vencendo a racionalidade humana.

Vem este pequeno arazoado acerca do abrupto desenlace físico do escritor António Aurélio Gonçalves ocorrido no passado dia 8 do mês de outubro de 1984, na cidade do Mindelo (Ilha de São Vicente — Cabo Verde), na sequência dum brutal e fatal acidente de aviação. De facto, só uma ocorrência deste género poderia vitimar, abreviando surpreendentemente a existência desse jovem homem de 83 anos (bem contados) porquanto a sua juventude se ressunava em toda a sua figura, conferindo-lhe, sem favor, o apétito de jovem, na verdadeira acepção do termo, encarado aquela (referindo-se, como óbvio, à juventude) no seu sentido total e integral, isto é, física, mental e espiritual, impondo como símbolo e exemplo ímpar de vigor físico, lucidez e fecundidade intelectual, numa idade em que as pessoas já se encontram, na maioria dos casos, esclerosadas e enterradas, por isso, acantonadas na sua condição de senectude, enfim, numa palavra, de inválida e inútil, aguardando resignadamente o momento para se sumir, descendo à terra e se transformando em pó e poeira.

Em julho de 1982, quando da nossa estada em S. Vicente, estivemos em casa dele, não só para mais um "cavaco" informal e familiar a fim de ouvir, mais uma vez, as suas acertadas lucubrações estético-literárias e outrossim escutar a leitura (na sua vez pausada e clara) de algumas das suas obras. Vemos já algumas publicadas e bem conhecidas (submetidas a uma

autêntica operação de reescrita para reedição) e outras, ainda inéditas, na fase de beneficiação e retoques de acabamento, visando a publicação respectiva, numa busca e preocupação incessante de atingir o máximo de perfeição artística (aliás, uma das virtudes que sempre cultivou em relação aos seus trabalhos literários). Pedia-nos que lhe fizéssemos um exame médico completo susceptível de lhe munir duma maior confiança, no plano físico, pois queria levar a bom termo e, da melhor forma possível, os grandes projectos. fervilhado a sua jovem e lúcida mente, outrossim estruturalmente apetrechada para produzir trabalhos e obras de real valor e envergadura. O nosso exame médico (executado com cuidado e esmero) deixou-nos bastante optimista, pois estávamos perante um indivíduo desfrutando uma saúde e bem-estar físico impressionante, consequentemente apto para levar a cabo os grandes projectos havidos em mente e daí que, de facto, só uma morte estúpida que inopinada e violenta, seria capaz de interromper, privando-o, desta forma, de pôr em prática e levando a cabo, como era o seu desejo, a sua louvável ambição.

Na verdade, grandes eram os seus projectos e de que passamos a enunciar, de forma sucinta e breve as mais interessantes dando apenas uma mera e pálida idéia dos mesmos:

- Projecto de reestruturação e consolidação da sua formação de intelectual de modo a estar, de facto, em consonância com o contexto da nossa época e dos positivos parâmetros estético-literários deste dealbar da década de oitenta (80): “caro amigo, Fragoso, de facto chegou o momento para eu iniciar a sério o meu curso universitário, pois os anos passados na Faculdade não nos abriu, de forma consequente, os horizontes do caminho desejado e almejado”, asseverou-nos, ironizando como sempre.
- Projecto de reescrever, em moldes mais consequentes estético e literariamente, exprimindo as obras já publicadas, visando a sua integração num volume de conjunto como, aliás, foi sempre o seu objectivo desde os primórdios da concepção dos mesmos.
- Projecto em terminar os inúmeros trabalhos na forja afim de poderem vir a lume atempadamente. Um pequeno parêntese: uma grande parte dos mesmos nos foram lidos por ele e não o podemos deixar de confessar que constituem, na realidade, qualquer coisa de sublime e de inovador no âmbito da literatura caboverdiana e, porque não, da própria produção literária de expressão portuguesa.
- Projecto de conclusão dos seus apontamentos (em cadernos) sobre a estética e iniciação literária, visando a pôr à disposição dos mais novos um guia susceptível de lhes apoiar sólida e seguramente no abrir dos horizontes perante a arte, a estética e a literatura (propondo, mais uma vez, de forma quão concreta e pragmática, a sua robusta e inconfudível faceta de pedagogo, de psicólogo e de intelectual).

- Projecto de terminar o seu profundo estudo ensaístico sobre este grande poeta que é sem sombra de dúvida, Jorge Barbosa.
- etc., etc., etc.

É de salientar que qualquer destes projectos enunciados já se encontravam em fase já bastante avançada de elaboração e execução e é pena que o seu fatídico e desastroso desaparecimento físico tenha vindo interromper, num momento decisivo, esta sua fecunda faina intelectual, privando a cultura caboverdiana e, porque não (reiteremos), a própria cultura portuguesa — sensu lato — destes trabalhos de envergadura e alcance intelectual positivamente notáveis.

As novelas já publicadas e as inéditas estavam sendo reescritas e buriladas com esmero e dedicação, tendo em vista a consecução duma obra de conjunto e de qualidade, pois elas constituem no seu cómputo geral, um todo, entrutural, estética e axiológicamente falando. Sim, com efeito, não se pode exprimir, no caso presente, em termos de compartimentos estanques, mas sim duma produção literária única, conquanto apresentando uma diversidade óbvia, relevando dialéticamente, antes pelo contrário, a essência e razão de ser de unidade de fundo da própria obra, encarada esta na sua totalidade e globalidade.

Trata-se efectivamente (e nunca é demais repetir) duma obra única, una, coerente nos seus fundamentos conceptuais, para sua mundividência intrínseca e nos seus pressupostos axiológicos, cuja diversidade aparente não passa do corolário lógico das inúmeras vicissitudes a que teve de se submeter, em grande parte fruto da imposição inerente às dificuldades do próprio meio e contexto em que infelizmente tiveram que ser concebidas, germinadas, confeccionadas e, em última análise, executadas e editadas.

O estudo ensaístico sobre Jorge Barbosa, longe de ser um amontoado de palavras ou de louvaminhas sobre o poeta (como infelizmente somos amiúde confrontados) é, na verdade, qualquer coisa de profundo e de bem estruturado, revelando uma sagaz preocupação em ir ao âmago da temática das obras, prospectando e investigando com um mínimo de denodo e de rigor para que o trabalho resultasse no pleno. Eis porque podemos afirmar, sem margens para dúvidas, estarmos ante uma análise e tratamento profícuos duma obra (aliás, digna deste nome), abarcando a exploração de tudo quanto fosse humanamente possível conseguir num ambiente de recursos tão escassos, querendo fornecer uma lúcida perspectiva e dimensão do poeta, não só como simples homem, mas outrossim como intelectual e literato de mérito. Visava, recorrendo proficuamente às parcas fontes disponíveis, aos dados e testemunhos sobre as prováveis e eventuais influências que estiveram na génese e base de sua formação de homem de letras, culminar numa exegese quão profunda e não menos lúcida e fecunda inexplorada temática da obra deste poeta que mereceu do imortal Jorge de Sena os mais rasgados, sinceros e isentos encômios.

A primeira parte dos estudos em apreço (que serviu de base a uma palestra proferida há mais ou menos três anos pelo malogrado escritor na

Escola Secundária Jorge Barbosa — Mindelo — S. Vicente — Cabo Verde) debruçando-se fundamentalmente sobre a biografia do poeta e das possíveis influências sofridas por este na sua juventude (elaboradas sob o signo duma acertada metodologia e escrita numa linguagem cuja precisão e beleza não deixa de impressionar sobremaneira) representa uma tentativa e preocupação dialéctica em alcançar da forma mais eloquente e consequente possível, as grandes linhas de força enformadoras das obras produzidas pelo autor de “Ambiente”.

As duas outras partes (a 2ª e a 3ª), já entrando a fundo na exegese e análise da temática das obras legadas pelo autor do “Caderno dum Ilhé”, procuram salientar as suas qualidades e a importância que ele, o poeta, e sua respectiva obra, representam no panorama literário caboverdiano e outrossim português, por se tratar com efeito duma produção literária cujo encanto, profundidade, significado e universalidade lhe confere, sem favor, a categoria de monumento artístico e cultural digno de ser, não só, cuidadosamente preservado, como ainda apontado como exemplo a seguir pelas inúmeras virtualidades e potencialidades que encerra.

Fisicamente, o Dr. António Gonçalves, o nosso estimado e amado “nhô” Roque, jamais estará em nossa companhia, não havendo consequentemente, nesta hora de sentida tristeza, apelo que resista aos factos. Porém, resta-nos a grandeza de sua personalidade de homem íntegro, de intelectual, de escritor, numa expressão da dimensão humaníssima, que com grande mestria e virtuosismo, nos legou na sua invulgar obra que, assim merece não só ser preservada cuidadosamente como, acima de tudo, confiada a alguém honesto e idôneamente capaz (e com meios adequados) de outorgar ao seu espólio literário o valor e relevo a que faz juz, publicando o mais fielmente possível, adentro do mínimo de espírito artístico e acabamento consentâneo com a grande e obsessiva preocupação que caracterizaram e que aliás foram sempre apanágio de sua personalidade de intelectual no sentido mais elevado e sublime do termo.

Francisco Fragoso

NOTAS

ANTONIO AURÉLIO GONÇALVES, mais conhecido por “Nhô Roque”, nasceu na Ilha de S. Vicente. Após estudos no seminário da Ilha de S. Nicolau seguiu para Lisboa, onde exerceu atividade jornalística, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas, publicando em 1937 o ensaio *Aspectos da ironia de Eça de Queiroz* e, em 1938, *A Centelha-Cadernos de Estudo*. Em Cabo Verde, na cidade do Mindelo, exerceu durante largos anos o magistério liceal, distinguindo-se como colaborador da revista *Claridade*. Autor também, entre outras obras, das novelas *Enterro de Nha Candinha Sena*, *Noite de Vento* (1970) e *Virgens loucas* (1971), figurando alguns dos textos na *Antologia da Ficção Caboverdeana Contemporânea* (1960), organizada por Baltazar Lopes.